

Tempo sobre tempo

A tradição oral de certas histórias nos transporta para um universo imaginativo onde, não seguros do que de fato aconteceu, e sem registros físicos que concretizem esses fatos, embarcamos em outras possibilidades de pensamento para concluir essas histórias ou para especular outras. Uma anedota, termo associado popularmente a um alto teor de ironia, na verdade tem sua origem no grego *anekdota*, “não publicado”, consistindo em fato não documentado, e que pode até adquirir mudanças ficcionais conforme é transmitido. Esse dado é importante para estabelecer o entendimento da produção da artista Laura Belém, na qual histórias, termos e até elementos visuais de um universo popular, do cotidiano corriqueiro dos lugares ou cidades, são repensados para originar seus trabalhos, que ressignificam essas histórias e elementos iniciais, muitas vezes criando novas imagens simbólicas para eles.

Em *Anekdotas*, instalação desenvolvida pela artista especialmente para a Capela do Morumbi, uma série de indagações sobre a condição original do espaço, seu uso e sua finalidade social, guia o trabalho. O que se vê na Capela é uma situação de sobreposição, em que uma nova paisagem constituída de vegetação e um corte da arquitetura da fachada são reposicionados pela artista sobre a nave principal, atravessando a parede em um movimento de continuidade, e se prolongando até o jardim. Essa nova construção da fachada é parcial, apenas a secção de alvenaria está presente, como se a taipa arcaica tivesse enfim ruído, e a intervenção de Warchavchik se transformado em ruína.

Assim, Laura cria uma situação de espelhamento e entropia - ver o espaço dentro dele mesmo - e a ideia de um ciclo em processo de cumprir. Terra volta a ser terra. Por outro lado, a estrutura externa da torre se torna quase um parasita da arquitetura original, um anexo provisório e inacabado, em movimento dúbio, onde não se sabe ao certo se a estrutura está ainda se erguendo, ou se já está em ruína.

No fim, talvez nem importem tanto as certezas, ou incertezas, em torno da origem da Capela. Realizada a intervenção, não interessa o fato ou a ficção; o que vale agora é a nova imagem presente no espaço, a nova paisagem desenhada sobreposta à já existente, em um exercício de quase se tocar, de ser quase verdade e de ser uma presença. Talvez, futuro, presente e passado tenham se encontrado ali num lapso de tempo. O que interessa é essa nova situação, é a especulação de uma nova narrativa. É poder vislumbrar através de uma fissura no tempo um futuro possível, e ao mesmo tempo ser lançado ao passado; restabelecer a sensação de encontrar no mesmo espaço uma nova arquitetura desconhecida.

Douglas de Freitas

Curador de Artes Visuais | Museu da Cidade de São Paulo